

cescontexto

Literatura e Representações

IX Edição do Congresso Ibérico

de Estudos Africanos – VOLUME II

Organização

Fabrice Schurmans

Fernando Florêncio

Nº 14

Abril de 2016

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

© Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 2016

Índice

Fabrice Schurmans e Fernando Florêncio

Introdução ao Volume II 6

Vanessa Riambau Pinheiro

Do mítico ao híbrido: uma análise de obras de Mia Couto, Agualusa e Ondjaki 8

André Luís de Campos

A casa navegante 17

Renata Flavia da Silva

A literatura angolana e os seus “pioneiros”: outros sentidos e novas epistemologias 26

Teresa Matos Pereira

Revisitando o arquivo colonial: as artes visuais como espaço de revisão crítica do passado e afirmação de alteridades 36

Nuno Coelho

África® – Representações raciais nas marcas comerciais registadas em Portugal nas primeiras décadas do século XX 52

Luca Bussotti

A representação da África na música italiana contemporânea: das primeiras experiências coloniais ao fascismo..... 64

Fabiana Schleumer

A pesquisa em História da África e diáspora africana nas universidades públicas do Estado de São Paulo: cotejo de experiências (2004-2014) 84

Marina Pereira de Almeida Mello

Comportamentos dissonantes: gênero, raça e classe nos discursos da imprensa alternativa paulistana (1915-1924)..... 93

Claudia Maisa A. Lins

Samba da lata de Tijuacu – Ritmos de resistência e lutas – A inserção da história e cultura africana e afro-brasileira no discurso oficial da educação – Um contexto pós-colonial..... 104

Maria Teresa Fabião da Silva Pinto

Danças africanas e diálogos interculturais em Portugal..... 116

Begoña Dorronsoro e Fabián Cevallos

¿Problemas de desarrollo? prueba con Ubuntu/Buen Vivir 125

Sebastián Ruiz-Cabrera

Estructura de la información en Kenia: tras las huellas de la metrópolis 137

Comportamentos dissonantes: gênero, raça e classe nos discursos da imprensa alternativa paulistana (1915-1924)¹

Marina Pereira de Almeida Mello,² CEA/USP-SP, Faculdade de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo: O século XX foi marcado, dentre outros aspectos, por ideias e ideais pautados pela paulatina racialização das diferenças e por um consequente processo de eugenia e higienização de ambientes, corpos, comportamentos e expectativas.

Neste contexto, este trabalho visa apresentar aspectos da trajetória de negros e negras paulistanas, descendentes de escravizados, tendo como referência os discursos e lugares que assumiram em sua produção na *imprensa negra paulistana*. Embora tais discursos denotem certo cunho etnicizante, não fugiam completamente aos referenciais de *ordem, progresso e civilização* difundidos e legitimados pela ideologia dominante.

A despeito dos racismos e machismos reinantes, é possível perceber, nas entrelinhas do que produziram, comportamentos e ideais dissonantes, sobretudo por parte de algumas das mulheres negras, que à margem e à revelia do desejo de ordenamento, disciplina e adaptação, ousaram celebrar a liberdade nas ruas, festas e bailes promovidos em grande parte por elas dentro das comunidades negras.

Palavras-chave: feminismos negros, mulheres negras no Brasil, interseccionalidades, imprensa negra, movimentos associativos negros.

Abstract: The twentieth century was marked by ideas and desires guided by the gradual racialization of differences and by the consequent process of eugenics and hygienism that characterized that time.

In this context, this work aims to present aspects of the trajectory of black men and women, descendants of slaves, referring especially to the discourses and places that have taken in São Paulo black press.

Although such speeches can denote the acquisition of some racial consciousness, they not escaped of the reference of order, progress and civilization that were disseminated and legitimated by the dominant ideology in that historical moment.

Despite the predominant prejudices of race and gender, it was revealed between the lines of what has been produced in this press, behaviors and dissonant ideals, especially by some black women.

¹ Texto no âmbito do IX Congresso Ibérico De Estudos Africanos, em Coimbra, de 11 – 13 de Setembro de 2014, no Painel “Artes e (des)construção de identidades”.

² Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS da FFLCH/USP, professora colaboradora do CEA/USP-SP, Professora da UNILAB - Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, foi pós doutoranda junto ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal), com financiamento pela CAPES.

Such women even on the margins of the desire for order, discipline and adaptation, dared to celebrate freedom on the streets , parties and dances promoted largely by them within black communities.

Keywords: black feminisms, black women in Brazil, intersectionalities, black press, black associative movements.

Introdução

Las mujeres blancas que se dedican a
publicar ensayos y libros sobre cómo «desaprender
el racismo» continúan teniendo una actitud
paternalista y condescendiente
cuando se relacionan con mujeres negras [...]
Nos convierten en el «objeto» de su
discurso privilegiado sobre la raza.
Como «objetos» continuamos siendo diferentes,
inferiores.
Bell Hooks

À luz das ideias desenvolvidas pelos chamados feminismos negros (Fajardo, 2012) buscar-se-á refletir sobre a trajetória e as estratégias políticas transformadoras, viabilizadas por estas mulheres sobre as quais decidimos lançar luz; de cujas histórias de silenciamento e sabotagem, ainda que às vezes perpetradas pelos homens negros da própria comunidade, traduzem histórias particulares. Histórias que seguem negligenciadas pelos feminismos hegemônicos, que legitimam como única a sua própria invenção e concepção de história e historicidade dos movimentos feministas. Como adverte Patrícia Collins:

Cada grupo habla desde su propio punto de vista y comparte su propio conocimiento parcial, situado. Pero dado que cada grupo percibe su propia verdad como parcial, su conocimiento es inconcluso. Cada grupo se transforma en el más capacitado para considerar los puntos de vista de otros grupos sin renunciar a la singularidade de su punto de vista o a las perspectivas parciales de otros grupos.
Parcialidad, y no universalidad, es la condición para ser escuchado. (Collins, *apud* Fajardo, 2012: 17) ³

Pautando-nos pela mesma autora, defendemos que analisar as experiências e os silêncios dessas mulheres da imprensa negra paulistana pode contribuir para a construção de categorias teóricas próprias à conformação de epistemologias alternativas, atentando sobretudo, para a confluência entre conhecimento, consciência e empoderamento (Fajardo, 2012: 18).

Considerando também a perspectiva do racismo, a despeito da época por nós contemplada representar um estágio ainda incipiente de consciência étnico-racial, é necessário

³ Patricia Hill Collins, *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, Londres, Routledge, 2000 [1990].

lembrar que as condições herdadas do sistema escravocrata estavam sendo convulsionadas pelas transformações em curso.⁴

Afinal, o que sucedeu aos negros e negras paulistas no período imediatamente posterior à abolição da escravatura? Devido às grandes transformações na correlação de forças que caracterizou o sistema escravista predecessor, verificou-se um acirramento dos conflitos econômicos, sociais e ideológicos com consequências evidentes no plano das individualidades e subjetividades.

Sobretudo em um cenário pretensamente cosmopolita e moderno como se pretendia a capital paulista, o processo de substituição de mão de obra inerente a este período desqualificou e marginalizou paulatinamente negras e negros nas condições de um mercado de trabalho urbano cada vez mais especializado e exigente.

Da condição de força motriz do sistema escravocrata predecessor, e portanto, absolutamente necessário, com o advento da industrialização e a vitória da solução imigrantista para o problema da mão de obra, as populações negras passaram a representar um entrave ao progresso, à ordem e à civilização ansiadas.

Nos quarenta anos que se seguiram à abolição, São Paulo recebeu mais de dois milhões de imigrantes europeus, dos quais quase metade teve suas passagens transatlânticas pagas pelo governo do Estado. Esses imigrantes foram levados para São Paulo para trabalhar, e trabalharam. Assim fazendo, sistematicamente substituíram e marginalizaram os trabalhadores afro-brasileiros do Estado, tanto no campo quanto nas cidades. (Andrews, 1998: 93)

Numa sociedade que se caracterizava pela busca de um modelo ideal de ser humano, a identidade real de mulheres e homens negros, agora deslocados, foi estigmatizada, verificando-se um choque entre a visão de mundo destes e a representação ideológica dominante, para a qual uma população negra, pobre e ignara contradizia o modelo celebrado e almejado do branco, rico, culto, e quiçá, civilizado. Evidentemente, o elemento negro, para não sucumbir, teve que encontrar alternativas de resistência e transformação dessa ordem que se instituía à sua revelia.

A marginalidade imposta pelas teorias, práticas e padrões de comportamento e cultura celebrados pelas elites dominantes, decorreu de um processo instaurado e sedimentado durante mais de três séculos de escravidão e tráfico humano. Essa situação viabilizou a criação e disseminação de estereótipos e preconceitos que apartaram as populações negras da cidadania alcançada sobretudo, pelo acesso ao trabalho formal.

Além disso, há que se mencionar que tais populações eram também alvo de outras formas de opressão e violência. Não apenas a violência física, mas também e sobretudo, uma violência simbólica (Bourdieu, 1989) que, embora nem sempre visível ou mensurável, tanto quanto a outra, deixou marcas na constituição da identidade desse grupo.

Dado a crescente mobilização e organização do operário imigrante, insubordinando-se às precárias condições do trabalho que lhes era destinado (a princípio, nas lavouras cafeeiras do estado de São Paulo), paulatinamente, o elemento negro nacional foi sendo incorporado à

⁴ A abolição do sistema escravista no Brasil foi formalmente estabelecida em 13 de maio de 1888. Contudo, é importante lembrar que os movimentos de resistência e repúdio ao sistema, liderados e protagonizados pela população negra, ocorreram durante todo o período escravocrata.

força de trabalho, ainda que de forma marginal e submetendo-se àquelas atividades recusadas pelos trabalhadores imigrantes.

A *imprensa* e a *escola* se afiguraram como mecanismos emergentes de integração social, em detrimento de instituições tradicionais como a *Igreja* e a *Família*. No entanto, o que é possível observar nos escritos da imprensa negra paulistana é o recurso à escrita para afirmação de valores caros ao grupo, consoantes a seus ideais de família e religiosidade (no caso, eminentemente católica).

Considerando um recorte de tempo que contempla portanto, o pós abolição e a consolidação do sistema republicano no Brasil,⁵ os jornais dessa imprensa por nós localizados cobrem o período de 1915 a 1923.

Diferentemente do que ocorria com os imigrantes de origem europeia e seus descendentes, os espaços que por excelência, eram preferidos pelo elemento negro, não eram os institucionalizados e frequentados por seus vizinhos imigrantes: concentrados doravante nas fábricas e sindicatos. O negro se agremiava visando fundamentalmente, o lazer e o divertimento. O lúdico era seu referencial maior. O seu espaço era o da rua, dos becos, vielas e praças. Após séculos de confinamento compulsório, pode-se dizer que esse negro egresso da escravidão, enfim se via livre para escolher o lado de fora (das casas, fazendas, fábricas etc.), ou seja: o outro lado do trabalho institucionalizado, símbolo da opressão.

Deste modo, a imprensa negra representou a tentativa empreendida por alguns membros da comunidade negra paulistana, no sentido de formar e desenvolver uma consciência étnica necessária ao imperativo de se ter que resistir às imposições de sua alteridade vilipendiada e à opressão motivada pelo preconceito historicamente sedimentado ao longo de mais de trezentos anos de escravidão.

Outrossim, o termo “*imprensa negra paulistana*” refere-se a jornais publicados periodicamente na capital paulistana, cuja organização, produção e circulação era de responsabilidade exclusiva de membros da comunidade negra.⁶

Os jornais dessa imprensa tinham, obrigatoriamente, quatro páginas, que com algumas pequenas variações, eram compostas do seguinte modo: a primeira dedicada a notas editoriais, preleções de cunho moral, pequenos contos e poesias; as páginas intermediárias eram destinadas a notas sociais e as últimas páginas continham, em sua maioria, anúncios, notas de divulgação de eventos e críticas (Mello, 2014).

Produzida a partir dos poucos recursos coletados entre seus produtores, essa imprensa, chamada de *imprensa adicional* por teóricos como Bastide (1951), para contrapor-se à imprensa institucional, de caráter hegemônico, era caracterizada pela produção fragmentada e pela distribuição feita de mão em mão, geralmente nas portas dos salões de baile.

⁵ O sistema republicano foi instituído no Brasil em 15 de novembro de 1889.

⁶ Neste sentido, O Menelik, A Rua, O Xauter, A Liberdade, O Alfinete, O Bandeirante e O Kosmos constituem os órgãos, produzidos por essa imprensa. A pesquisa foi realizada junto ao acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade/ Seção de Obras Raras (São Paulo), no Arquivo Público do Estado de São Paulo e no e no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), que facultaram o acesso aos exemplares microfimados dos referidos jornais.

No quadro abaixo mostramos, comparativamente, quais as principais características destes jornais:

| Título | Subtítulo | Administração e Redação | Endereço | Qtde. Analisada | 1º n° localizado ⁷ | Último n° Anal. | Periodicidade de \$ sem. ⁸ | Dimensões (cm) |
|------------------------------|---|---|-------------------------------------|-----------------|-------------------------------|-----------------|---------------------------------------|------------------------------|
| O Menelik⁹ | orgam mensal, literário e crítico dedicado aos homens de cor | Reginaldo Máximo Gonçalves, Deocleciano Nascimento e Geralcino de Souza | Rua da Graça, 207/ Rua Bresser, 304 | 02 | OUT. 1915 (1) | JAN. 1916 (3) | mensal 1\$500 | 32x23 |
| A Rua | literario, critico e humoristico | Domingos José Fernandes, Oliveira Paula | Largo da Concórdia, 4 | 01 | FEV. 1916 | *** | semanal 6\$000 | 38x27 |
| O Xauter | jornal independente | propriedade de uma sociedade anônima | Rua Teixeira Leite, 14 | 01 | MAIO 1916 | *** | *** 2\$000 | 37x27 |
| O Alfinete | orgam literario, critico e recreativo | Augusto Oliveira e colaboradores diversos | Rua Tibiriçá, 6 - Luz | 08 | SET. 1918 (3) | NOV. 1921 (76) | quinz. até 1921; depois mensal 3\$000 | 33x24 a partir de 1921 27x18 |
| O Bandeirante | orgam de combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor. | Antonio dos Santos J. D'Alencastro Gentil Marcondes | Rua Formosa, 8 Rua Boa Vista, 22 | 02 | SET. 1918 (3) | ABR. 1919 (4) | irregular. 2\$000 | 33x24 |
| A Liberdade | orgam critico, literario e noticioso dedicado à classe de cor | Frederico Baptista de Souza/ Joaquim Domingues/ Gastão R.Silva. | Largo do Riachuelo, 56 | 13 | JUL. 1919 (1) | OUT. 1920 (18) | quinzenal. 3\$000 | 33x24 |
| A Sentinella | orgam critico, literario e noticioso | Ernesto A. Balthasar, B. Lazaro e colaboradores divs. | R. Tibiriçá, 88 | 01 | OUT. 1920 | *** | Quinzenal 4\$500 | 32x22 |
| O Kosmos | orgam do Grêmio Drammatico e Recreativo "Kosmos". | Abílio Rodrigues Joaquim Domingues José M.M. Baptista | Rua Vergueiro, 116 - casa 9 | 10 | AGO. 1922 (3) | MAIO 1923 (12) | mensal 3\$000 | 28x18 |

Embora fenotipicamente o negro fosse percebido como integrante de um grupo real,¹⁰ é inegável que não se pode pressupor uma consonância entre as atitudes, cosmovisões e expectativas de todos os negros paulistanos.

⁷ O número constante entre parênteses refere-se ao número do exemplar.

⁸ Optamos por coligir o preço da assinatura semestral de cada jornal, em virtude de ser um dado constante na maioria das fontes analisadas, o mesmo não acontecendo com relação ao preço do exemplar avulso.

⁹ Adotamos a grafia utilizada no exemplar de número 1, pois no segundo exemplar encontrado (nº 3) o nome vem grafado como "O Menelick".

As diferenças se faziam gritantes, sobretudo quando confrontamos:

* o negro letrado e empregado, que constituía uma ínfima minoria de funcionários públicos, militares e profissionais liberais de baixo escalão e que passou a militar nessa imprensa que estudamos; e

* a maioria composta pelos negros iletrados, recorrentemente excluídos do processo de trabalho organizado, condição fundamental para a obtenção da dignidade civil.

A Ciência e seus cientistas que à época, movidos por ideais (de ordem, progresso e disciplina), associavam o atraso brasileiro à cor eminentemente escura da população, ancoravam as expectativas de progressivo branqueamento, fosse por meio da miscigenação (eugenia) fosse pela disseminação de conceitos e valores de cunho etnocêntrico e etnocida.

Em qualquer um dos casos, prevaleciam os ideais eurocêtricos característicos da ideologia dominante.

O lugar da mulher na imprensa negra paulistana

Nos jornais da imprensa negra paulistana do período focado, a mulher aparecia apenas de forma subjacente e sempre circunscrita aos papéis idealizados pelo ideal burguês do amor romântico.

Percebe-se nos artigos uma constante busca de sincronia entre os cânones celebrados por essa ética e as atitudes destas mulheres, que eram o principal alvo de preleções de cunho moral.

Nas seções de Críticas e Mexericos, por exemplo, relegadas às últimas páginas dos referidos jornais, é possível apreender com nitidez quais aspectos dos comportamentos e atitudes dessas mulheres eram condenados e tidos como inconvenientes:

- Ficar na rua até altas horas;
- Namorar fora de casa;
- Namorar com ‘**neves**’;¹¹
- Maquiar-se exageradamente;
- Vestir-se de forma indecorosa ou aparentando desleixo;
- Fumar, beber;
- Dançar determinados estilos de música considerados lascivos ou inconvenientes, etc.

Alvo predileto de vigilância e controle, a dimensão de gênero aparece justamente pela oposição entre coisas e lugares de homem e coisas e lugares de mulher, evidenciando uma relação de poder pautada na divisão dos espaços público e privado, sedimentada na dimensão de gênero (Segalen,1988; Viveiros Vigoya, 2000).

No entanto, a despeito de todas as tentativas de encarceramento e controle, a presença feminina se fazia imanente à maioria dos eventos promovidos pela imprensa negra paulistana, na medida em que elas figuram como organizadoras de festas, de almoços, jantares, jogos coletivos, cerimônias religiosas e eventos de cunho beneficente. Além disso, eram presença

¹⁰ Diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, por exemplo, em que as categorias raciais são definidas pela “origem” no Brasil historicamente a categoria “negro” está associada a características fenotípicas, em especial à cor da pele, ensejando o que Nogueira (1998) designa como “preconceito de marca”.

¹¹ Neve é uma forma pejorativa de se referir ao homem branco.

constante e necessária nos bailes, quermesses, leilões, além de se constituírem no assunto preferido dos homens. Algumas, inclusive, ousaram a incursão pelo mundo das letras, figurando como colaboradoras no envio de poesias e contos aos jornais da imprensa negra paulistana.

Neste sentido, são oportunas as palavras de Ângela Davis, ao analisar fenômeno semelhante ocorrido nos Estados Unidos:

En este contexto, es comprensible que las dimensiones personales y sexuales de la libertad adquiriesen una importancia creciente, en especial porque los componentes políticos y económicos de la emancipación fueron negados, en gran medida, a la gente negra en el periodo que siguió a la esclavitud. (Davis, 1999 apud Fajardo, 2012)

Constantemente referidas, seja por seus excessos, seja por suas faltas, lá estão elas: manifestando-se na condição de mães, filhas e noivas, comadres, namoradeiras, faladeiras; homenageadas ou execradas, mas como presença necessária na vida real, subjacente nas representações veiculadas por aquela imprensa.

Na seção *Observando* do jornal O Kosmos de novembro de 1922, lemos o seguinte texto:

Diariamente os jornaes criticam justa e benevolmente o actual exagero da moda, que em geral, as senhoras adoptam nos seus vestuários, prejudicando assim, - a moral e o physico. São bem desnecessários os decotes descommunes, os braços nus, a demasiada pintura, que forçosamente virá estragar a belleza natural feminina.

[...] O recato e o pudor, davam melhor brilho a belleza feminil; a modéstia concorria para o encanto irresistível da mulher [...]

[...] Se todas reflectissem, não adoptando os trajes berrantes e os gestos desabridos, haverá do sexo forte mais respeito e os seus encantos não seriam severamente ultrajados pela critica. A mulher só por si, predomina o homem, com a esthetica da sua belleza!



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. (APESP)

A vaidade feminina era considerada nociva, física e moralmente, e a natureza era invocada para impedir o uso de artifícios estéticos como a maquiagem e os tais trajes berrantes, ao passo que a exposição do corpo por meio de decotes e de gestos desabridos era igualmente desaconselhada em prol do recato e do pudor.

Evidentemente, há uma distância entre essa mulher ideal que se quer e que se postula em seções como a de *Notas Sociais* – na qual a celebração do “ideal do amor romântico” se dá pela ritualização dos momentos marcantes do processo de estabelecimento desse estilo de vida familiar – daí os comunicados de nascimentos, batizados, noivados, casamentos etc. – e a mulher negra real que é recorrentemente censurada, representada pela mulher da rua, que bebe, que briga, que namora, que frequenta os abomináveis bailes de cavação, que faz arruaças e de algum modo, se insubordina às tentativas de normatização e docilização.

Esta é a mulher que, de alguma maneira, contraria tanto as expectativas de construção de uma nova identidade para o homem negro – que a quer silenciosa e discreta, circunscrita aos espaços de sua casa e não aos da casa do outro; quanto do homem branco que a quer como serviçal de cama e de mesa, porém limitadas às esferas da alcova, do silêncio e da invisibilidade. O fragmento abaixo traduz a preocupação dos homens negros com a ameaça representada pela vaidade feminina que, sob seu ponto de vista, os exporia à concorrência com os outros homens:

As senhoras que vivem captiva dos rigores da moda, tornando-se uma boneca, um objecto de luxo, única e exclusivamente para prender a atenção do homem, terá (sic) fatalmente que ver fracassado o seu falaz império, com o selo horrível do tempo; - a velhice, lhe imprimir na face.¹²

Outras seções desses jornais revelavam a constante angústia do negro letrado diante de uma situação real que contrastava com seu discurso civilizatório e eugênico, consoante aos ideais celebrados no momento pelas elites. Ainda que, a despeito de todo seu esforço, tais elites negassem àquele homem negro seu pertencimento à humanidade, ao gênero masculino e à classe trabalhadora.

Esta sociedade não obstante ser constituída de cavalheiros distintos, as damas que a frequentam, com pequena excepção, não estão adequadas ao meio. O "Alfinete" que é amigo de todos os homens pretos, em defesa destes, acha de bom aviso que haja certa distincção, por parte da Diretoria, no ingresso de **algumas damas que, além de serem alegres de mais**, trazem más consequencias à sociedade e às pessoas que alli vão! Desculpem-nos. (grifos nossos)¹³

Atentamo-nos para um aspecto da sociabilidade negra que se caracterizaria pela conformação de um vernáculo próprio, no qual as dimensões de familiaridade e afetividade seriam pautadas pelos referenciais da coloquialidade:

Esse diálogo profano entre e sobre as mulheres negras e os homens negros opera por regras de gênero estritas. Ele estabelece a prioridade do ritmo da existência cotidiana pessoal, íntima e alheia ao trabalho e utiliza este foco para instituir uma comunidade ou clientela de ouvintes ativos que mal é distinguível em seus efeitos daquela mais sagrada que a igreja fornece. O sagrado e o profano juntam-se em eventos musicais onde suas diferenças se dissolvem... (Gilroy, 2001:378)

Porém, essa imprensa negra se afirmava, a partir de um referencial que a especificava – considerando que, em sua maioria, tais jornais eram ligados a clubes e associações recreativas (destinadas fundamentalmente a bailes, concursos de dança e festas de toda ordem), nas quais o *lúdico* e o *prazer* eram os liames da relação entre *negros letrados* e a grande maioria de negros e negras que viviam à margem do mundo ordenado pleiteado pelo projeto das elites.

¹² *O Kosmos*, anno 1, n° 6, novembro de 1922.

¹³ *O Alfinete*, anno 4, n° 75, 25 de setembro de 1921.

SE TODAS REFLECTISSEM... HAVERÁ
DO "SEXO FORTE" MAIS RESPEITO...



Fonte: Foto de Militão Augusto de Azevedo
in Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Havia também por parte dos discursos proferidos na *imprensa negra paulistana* uma tentativa de controlar o espaço profano dos salões de baile, pela proibição de algumas danças consideradas imorais, como foi o caso do *maxixe*, indicando roupas e posturas adequadas *ao ambiente familiar* que se desejava nesses espaços. Havia toda uma *etiqueta* voltada para a regulação e normatização dos espaços e atitudes. As danças permitidas (valsas, tangos, fox-trot e outras danças burguesas da época) reificavam os ideais masculinos e femininos, definindo os papéis concernentes a cada um dos pares, por exemplo.

Nos trilhos da busca pelo aburguesamento, há que se ressaltar a participação de algumas mulheres na organização dos bailes e festas, o que é sugerido por alguns organogramas que mostram a distribuição das suas funções na estrutura dessas organizações. Em uma sociedade com grande expressividade, como o foi o Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos, o fato de ter em seus quadros uma *Directoria de Sócias* indica a conquista de espaços de poder alcançada pelas mulheres negras à época.

Quadro 1 – Comissão Directora das Sócias

| | |
|------------------------------|---|
| Presidente | Dona Alzira Barreto |
| Vice-Presidente | Dona Eugênia Botelho |
| 1ª Secretária | Dona Maria Guilhermina |
| 2ª Secretária | Dona Maria Luiz Villas-Boas |
| 1ª Thesoureira | Dona Benedita da Conceição |
| 1ª Procuradora | Dona Josepha Máxima Teixeira |
| 2ª Procuradora | Dona Anna de Azevedo |
| 1ª Fiscal | Dona Maria Honorina Soares |
| 2ª Fiscal | Dona Luiza de Moura Baptista |
| Directoras Auxiliares | Dona Plácida Gonçalves e Dona Maria Ramos |

Por outro lado, a percepção da exploração e das condições humilhantes a que eram submetidas as mulheres negras, à época principais mantenedoras financeiras dos lares negros, trabalhando na maior parte das vezes como doméstica, não escapou à observação dos articulistas da imprensa negra paulistana:

Na “Gazeta” desta capital, do dia 9 do corrente, encontrou-se uma critica com referencia às criadas, declarando que **as mesmas exigem ordenados de 60\$000 a 80\$000 e mais, além do bond, e que daqui alguns dias, querem também automóvel.**

Mas esqueceu de dizer que, na maioria das vezes, se trata uma criada sómente para cosinhar; no dia seguinte, porém, vae ella lavar uns lenços, no outro, uma roupinha de criança, no outro, um lençol, uma colcha, porque a lavadeira não veio, ainda, não pondo em conta passar um panno molhado na sala, etc.etc e às vezes o calote com que algumas são presenteadas, no fim do mez, sem poder reclamar, para não passar por ladra.

Devia mesmo haver as cadernetas de identificação, porque seria melhor, uma vez que houvesse obrigações recíprocas evitando o excesso de trabalho por pouco dinheiro, pois as criadas não têm lei e, vamos e venhamos, a criada sempre é mais infeliz que os operarios que trabalham 8 horas em determinados serviços. É bom ser imparcial¹⁴ (grifos nossos)

Nesse fragmento nos é dada não apenas a dimensão da situação desigual das mulheres negras que trabalhavam fora em comparação com a das operárias das fábricas, nos anos 10 e 20 do século passado, como para além das denúncias feitas, possibilitam enxergar o protagonismo das mulheres negras quanto à reivindicação de direitos trabalhistas.

Mantenedoras de grande parte dos lares negros, eram submetidas a situações constantes de exploração e humilhação. Mesmo quando lesadas financeiramente pelas patroas e levadas pelas circunstâncias geradas pelo preconceito a não se insurgir, tendo em vista o perigo de serem acusadas de roubo, esboçaram estratégias coletivas de resistência.

Minha mãe foi cozinheira (...) de grandes famílias. Foi fundadora do Paulistano. Que a minha mãe era uma mulher assim (...) ela trabalhava com a família Penteado e ela fez umas viagens assim no exterior. Uma série de coisas (...) então em 1925, 27 minha mãe já pensava em Sindicato de Domésticas. Então ela fundou esse Paulistano com as cozinheiras e empregadas do Jardim América aqui na Alameda Santos. Foi fundado como Sociedade (...).¹⁵

Desamparadas pela lei, criticadas e vigiadas pelos homens, a imagem mais pungente dessa mulher revelada pelas páginas da *imprensa negra paulistana* é ainda a da mulher alegre, irreverente e desmedida que não se calou nem sucumbiu às recorrentes tentativas de cerceamento de sua liberdade.

Cravada na memória de seus filhos, a imagem daquela mulher negra paulistana, artífice de sua história, ainda que relegada às margens do discurso oficializado pelos homens, fica referendada por meio dessas palavras de Geraldo Filme, artista negro paulistano, cuja memória traz à história a combatividade e resistência da mulher negra paulistana.

Em uma época em que aludir a ideia de feminismo seria ainda impensável, essas mulheres negras representam o testemunho de demandas históricas contraditórias, na medida

¹⁴ AZUOS, O *Alfinete*, anno 4, nº 75, 25 de setembro de 1921.

¹⁵ Geraldo Filme de Souza, *Memória do Carnaval Paulistano*, MIS: Fita 112.13.14, 27 de maio de 1981.

em que ao mesmo tempo em que havia expectativas de controle, docilização e subordinação de seus corpos e mentes aos espaços domésticos, o fato de se constituírem nas principais provedoras e mantenedoras dos lares negros as projetou para um outro campo de batalhas, o que as faz precursoras do feminismo negro.

Referências

Andrews, George Reid (1998), *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo: EDUSC.

Bastide, Roger (1951), “A imprensa negra do Estado de São Paulo”, *Boletim de Sociologia*, 2. São Paulo: Estudos Afro-Brasileiros, FFLCH-USP.

Bourdieu, Pierre (1989), *O poder simbólico*. Coleção Memória e Sociedade. Lisboa-Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand do Brasil.

Collins, Patricia Hill (2012), “Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro”, in Jabardo, Mercedes (org.) (2012), *Feminismos Negros: una antología*. Madrid: Proyecto Editorial Traficantes de Sueños, 99-134.

Davis, Angela (1999), *I Used To Be Your Sweet Mama. Ideology, Sexuality, and Domesticity, Blues legacies and black feminism*. Nueva York: Vintage Books.

Gilroy, Paul (2001), *O Atlântico negro*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM/CEAA.

Mello, Marina Pereira de Almeida (2014), *Não somos africanos, somos brasileiros: identidade nos jornais do povo negro e imigrantes*. São Paulo: Annablume.

Nogueira, Oracy (1998), *Preconceito de Marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: EDUSP.

Segalen, Martine (1988), “La revolucion industrial: del proletario al burgues”, in Burguière et al. *Historia de la família: el impacto de la modernidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1988. (v.2), pp.89-158.

Vigoya, Mara Viveros (2000), “Notas em torno de la categoria analítica de gênero”, in Robledo, Ângela Inês y Puyana, Yolanda (compiladoras), *Ética: masculinidades y feminilidades*. Bogotá: Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Colombia, Centro de Estudios Sociales (CES), 56-85.